

Amplo presente, amplas possibilidades

Débora Mestre

Mestranda em Comunicação e Cultura pela Uniso
Graduação em Biblioteconomia pela PUC-Campinas.
Bibliotecária da Fac. De Educação Física da ACM Sorocaba
E-mail: dmmestre@gmail.com

Recebido: 09 jun. 2017

Aprovado: 29 out. 2017

Resumo: Resenha sobre o livro *Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea*, publicado pela Unesp, em 2015, de autoria de Hans Ulrich Gumbrecht. Trata-se de um estudo a respeito de conceitos de presença no contexto da condição contemporânea hipermediatizada.

Palavras-chaves: Presente. Cultura. Contemporâneo.

Abstract: Review about the book *Our broad present: time and contemporary culture*, published by Unesp in 2015, written by Hans Ulrich Gumbrecht. It is a study about concepts of presence in the context of the contemporary hypermediatized condition.

Keywords: Present. Culture. Contemporary.

Resumen: Reseña sobre el libro *Nuestro amplio presente: el tiempo y la cultura contemporánea*, publicado por la Unesp, en 2015, de autor de Hans Ulrich Gumbrecht. Se trata de un estudio acerca de conceptos de presencia en el contexto de la condición contemporánea hipermediatizada.

Palabras clave: Presente. Cultura. Contemporáneo.

Hans Ulrich Gumbrecht é um crítico literário cujos trabalhos abordam filologia, filosofia, materialidade e presença. Alemão radicado nos Estados Unidos, leciona na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. Conhecido pelo pioneirismo na escola não-hermenêutica, conceitua a “produção de presença” como impacto estético que não pode ser entendido, apenas sentido.

Em *Nosso amplo presente* (2015), o autor retoma os conceitos de presença no contexto da condição contemporânea hipermediatizada, em que o Ser Humano experimenta novas maneiras e possibilidades de ser/estar, graças à mudança de nosso cronótopo (a percepção de tempo/espaço alterada pelas tecnologias de comunicação).

Dividido em seis capítulos, organizados e divididos em breves partes, o livro discorre sobre a relação linguagem e presença. Entre os temas percorridos, primeiro há a visão crítica da globalização atual, suas consequências – negativas e positivas – e o ciclo de informação que nos rege.

Entrelaçando as reflexões de maneira inextricável (de forma similar aos próprios sistemas globais), Gumbrecht nos proporciona diversas perspectivas do mundo globalizado e engolido pela era da informação e do digital. O autor reflete sobre a aparente estagnação do tempo e dos campos intelectual e celestial enquanto somos engolidos por um “dilúvio” de paradigmas científicos, que chama de “excesso de cientificidade”.

Segundo o autor, essa infinidade de paradigmas, ao contrário de resolver os problemas científicos e suas imbricações, na realidade só origina mais paradigmas e teorias, tornando o processo um ciclo sem fim, sempre trazendo mais perguntas do que respostas. Sua proposta pela adoção da não-hermenêutica como método surge na tentativa de oferecer aos campos do conhecimento o “reencantamento do mundo”.

Discutindo esse conceito, “reencantamento do mundo”, ele exemplifica a partir do esporte e da religião e o quão a relação da humanidade com ambos são por vezes similares – e nos fazem retornar quase a forma primitiva do sentimento humano. Outro exemplo de reencantamento e presença é a nossa admiração mutável, porém constante dos clássicos, que se caracterizam por serem obras atemporais, que independem do contexto para promover diálogo e reflexão com os leitores. Gumbrecht finaliza a reflexão ao discutir como a hipercomunicação nos obriga a estarmos sempre conectados e disponíveis, fazendo-nos perder esses momentos fugazes de percepção da realidade.

O tom pessoal assumido pelo autor, que exemplifica os conceitos usando passagens de sua vida cotidiana, ou acadêmica, traz uma inusitada leveza à leitura. Gumbrecht observa os impactos da tecnologia em nosso dia a dia com a propriedade de quem se basta com um velho computador para checar os e-mails da faculdade.

Envoltos no caos da hipercomunicação que nos torna onipresentes, deixamos de sentir e presenciar a passagem dos dias como antigamente – o que nos deixou sem a referência de nós mesmos e de onde estamos. Quando o filósofo usa a palavra “estagnação”, não se refere apenas às ideias e às religiões, mas à perspectiva alterada de que o futuro não chega – e, voltados às coisas do passado, procuramos recriar e melhorar o que já passou.

O novo leque de possibilidades de ser/estar que o contemporâneo abre diante de nossos olhos é resultado da globalização, que por sua vez alimenta cada vez mais as condições efêmeras de nossas novas formas de relacionarmos-nos com o mundo. A questão é saber usar essas possibilidades para que as vantagens prevaleçam sobre as desvantagens que o contexto atual nos oferece.

Referência

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente**: o tempo e a cultura contemporânea. São Paulo: editora da Unesp, 2015.